

## Murilo Mendes: a memória poética contra o esquecimento oficial

Valmir de Souza

No mundo ultra-moderno, com sua amnésia generalizada e o desmanche de “tudo que é sólido”, a memória de tipo tradicional, isto é, aquela dos *lugares* da memória, perde espaço na simbolização do presente. Os grandes monumentos exercem papel de fantasmas do passado e perdem o peso daquela função de representação de uma classe, pois a velocidade dos centros urbanos não permite mais a ocupação do espaço público, fazendo arrefecer a participação na vida pública. Se é possível afirmar isso no que concerne as formas consagradas de representar a história e a memória, no que tange à literatura e especificamente à poesia, pode-se considerar a rarefação da memória coletiva em memória individual que gera novas formas de representação da vida social e do eu.

Vive-se um tempo em que a “cultura da memória” sofre uma guinada para a subjetividade (SARLO, 2007, p. 90-113), e as produções literárias jogam novas luzes no passado. Ao transcender a história dos fatos, a poesia coloca em questão a temporalidade historicista, recuperando elementos desprezados pelo processo histórico. Ao reorganizar os fatos de forma não-linear, o texto poético se contrapõe a uma concepção que vê a história linearmente, colocando assim a possibilidade de se perceber a realidade através de outras modalidades de conhecimento.

Apesar de alimentada por informações da história, a poesia produziria uma visão de mundo a contrapelo da “identificação afetiva” com os objetos do passado *como são* (GAGNEBIN, apud BENJAMIN, 1985, p. 7-11). A versão poética da história carregaria uma concepção dinâmica da realidade.

A herança do passado é recuperada pela memória inscrita na poesia como memória literária que produz um trabalho de redescoberta de visões que teriam sido obliteradas pelos discursos historiográficos. A poesia, envolvida na teia da cultura, entretém “relações vivas e estreitas com o *passado*, mesmo o mais remoto, graças ao dinamismo da memória, e com o *futuro*, que já existe no desejo e na imaginação” (BOSI, 2002, p. 33).

### A memória poética de Murilo Mendes

Consideramos aqui a memória como algo relacionado com a construção do passado, tendo como função a comunicação de algo que não existe no presente. A memória não luta contra a história, mas a resgata para o momento presente.

A memória, enquanto conjunto de símbolos que dá sentido a uma coletividade - seja de tipo literária, artística ou urbanística -, é uma construção social na qual entram em jogo as lutas pelo poder, e, nessas lutas, o domínio da memória social significa controlar o espaço simbólico e, com ele, o espaço da realidade. A simbolização da “unidade nacional”, por exemplo, através do “mito fundador” (CHAUI, 2000, p.9), tem sido a base da iconografia e das edificações.

O poeta Murilo Mendes (1901-1975), em seus livros, *História do Brasil* (1932) e *Contemplanção de Ouro Preto* (1954), dialoga com a memória histórica, revendo e atualizando dados do passado. A sua memória literária encena, no primeiro, momentos do passado em

chave satírica. Aí a memória poética entra em contraste evidente com versões estabelecidas do passado. Já no segundo, ao revisitar sua posição anterior, sua poética adere ao objeto histórico de um ponto de vista religioso e mais grave. O que importa aqui é a tradução poética da história no que se refere a temas brasileiros, pois suas obras se destacam na releitura de fenômenos histórico-sociais, porém com um olhar que percebe um outro movimento da história, mais denso e mais intenso.

A memória histórica e social do País se presentifica na obra do poeta ainda que de forma indireta. Em *História do Brasil*, a memória construída é narrada com base em episódios registrados pela historiografia e pela literatura brasileira. Os “romances” da obra registram, no modo cômico-satírico, a história e a memória do ponto de vista dos vencidos recompondo uma *memória coletiva* esquecida e fazendo *falar* o que foi silenciado pelos relatos da história.

Essa operação é feita através de uma escrita que coloca em cena a voz reprimida pelos modos de representação oficial da cultura, o que identifica o poeta com as causas “perdidas” e esquecidas, reconsiderando-as poeticamente como um modo de apontar as devastações políticas e sociais da história brasileira. A implicação ideológica do livro se liga a uma atitude radical, própria de um Murilo leitor e simpatizante, à época, de Marx, Lênin e Trótski.

Já em *Contemplanção de Ouro Preto* o tempo passado não é presentificado através de datas ou episódios, mas está sinalizado pela presença de personagens históricas da cultura brasileira e pela abordagem do espaço da cidade e também pelos dados concretos da cultura popular, no caso, pela cultura religiosa. Assim, apesar de haver a tentativa de abstrair o tempo e de não fazer referências *explícitas* a conflitos e tensões sociais, como no livro de 1932, o registro da memória acaba por se fazer com base em elementos não declaradamente “críticos”. Nessa obra, as vozes da cultura popular, esquecidas, emergem na cena literária de forma indireta.

Em *Contemplanção de Ouro Preto*, a história é relatada de modo indireto pela evocação do passado. A arquitetura da cidade, como memória edificada, emite sinais para lembranças não só de um passado instituído, mas de uma memória cultural que vai além do concreto, indicando um cruzamento de aspectos literários, estéticos e religiosos que ultrapassam a comemoração oficial.

Nos dois casos, o passado ressurgue por um movimento poético ambíguo, promovendo o *desesquecimento*. Enfim, o que aproxima os dois livros é o trabalho de representação do passado articulado pelo tempo presente e, nesse aspecto, eles dão testemunho das tensões históricas presentes nas lembranças do poeta. Isso revela que o projeto poético de Murilo Mendes, mesmo oscilando entre uma postura apaixonada e uma reação mais contida do sujeito poético, é um projeto atento às questões históricas.

### **Texto publicado em**

Memória poética e esquecimento em *História do Brasil* e *Contemplanção de Ouro Preto* de

Murilo Mendes. *Ipotesi* (UFJF), v.11, p.127 - 136, 2007.